Centro Universitário de Brasília – CEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Psicologia

Sexualidade e ideal feminino em mulheres católicas do DF.

Isabella Vitória Martins Simões

Brasília, DF

Dezembro, 2024

Centro Universitário de Brasília – CEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Psicologia

ISABELLA VITÓRIA MARTINS SIMÕES

Sexualidade e ideal feminino em mulheres católicas do DF

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia do Centro Universitário de Brasília - CEUB, como requisito parcial para conclusão do curso de Psicologia.

Professora Orientadora: Me. Aurea Chagas Cerqueira

Brasília, DF

Dezembro, 2024

Folha de Avaliação

Sexualidade e ideal feminino em mulheres católicas do DF

Banca Examinadora:

_____

Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira – CEUB

Orientadora

_____

Profa. Dra. Flávia Bascunan Timm – CEUB

Examinadora

_____

Profa. Me. Izabella Rodrigues Melo – CEUB

Examinadora

Brasília, DF

Dezembro de 2024

Resumo

A sexualidade feminina é uma temática que foi alvo de uma série de transformações culturais, morais e religiosas e isso favoreceu a construção de ideais específicos para as mulheres. Ideais esses que ainda hoje perpassam pelo público feminino e acredita-se que influenciam a vivência da sexualidade da mulher. Entende-se aqui sexualidade como sendo uma energia de vitalidade e o objetivo desta pesquisa foi o de compreender como mulheres religiosas vivenciam a sexualidade, visto que, além de serem perpassadas por ideais de Eu feminino, também é válido considerar o seu lugar enquanto mulheres religiosas. A pesquisa teve o enfoque qualitativo e foram entrevistadas três mulheres do DF da religião católica, para entender sobre a subjetivação da sexualidade feminina em meio religioso. Os resultados evidenciaram que as mulheres religiosas, na tentativa de corresponder a um ideal de santidade, podem ter sua saúde mental prejudicada, se colocando em um lugar passivo de escolha e de autonomia. Esses discursos, apesar de carregados de sentido e valor para elas, custam a experiência e a vivência da sexualidade.

Palavras Chaves: Sexualidade; Ideal feminino; Mulher católica; Psicanálise.

Abstract

Female sexuality is a theme that has been the target of a series of cultural, moral and religious transformations and this has favored the construction of specific ideals for women. These ideals still permeate the female public today and are believed to influence women's experience of sexuality. Sexuality is understood here as an energy of vitality and the objective of this research was to understand how religious women experience sexuality, since, in addition to being permeated by ideals of the feminine Self, it is also valid to consider their place as women religious. The research had a qualitative focus and three Catholic women from the Federal District were interviewed, to understand the subjectivation of female sexuality in a religious environment. The results showed that religious women, in an attempt to live up to an ideal of holiness, may have their mental health compromised, placing themselves in a passive place of choice and autonomy. These speeches, despite being full of meaning and value for them, cost them the experience of sexuality.

Keywords: Sexuality; Feminine ideal; Catholic woman; Psychoanalysis.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, a minha família, aos amigos e a todos aqueles que estiveram presentes nesse processo.

Em especial agradeço às mulheres da minha vida, dona Leninha e Cláudia, que me incentivaram nessa escrita que tanto me mobilizou e abriu novas perspectivas sobre o feminino. Elas são as minhas referências e as minhas maiores influências, algumas das preocupações e visões que aqui foram escritas foram a partir de um olhar para elas. Agradeço também ao meu pai e meus irmãos, por estarem presentes desde sempre em minha vida e por todo cuidado e incentivo. Sou feliz em dividir a vida com vocês.

Às minhas queridas amigas e aos meus amigos, agradeço a força, colaboração e incentivo. Vocês foram essenciais e nem imaginam o quanto. Em especial quero deixar um agradecimento à Aninha, um presente que o cuidado em saúde mental me deu. Ela que foi uma das grandes mulheres que também tenho como referência e que muito me ajudou a abrir os olhos para a necessidade de um olhar atento à temática. Foram muitas conversas com ela e muitas identificações sobre o que eu estava encontrando a partir das leituras. Além dela, outras mulheres que me acompanham na vida, Kaka, Dessa, Káthia e Bels, vocês cresceram, me transformaram e me incentivam, admiro todas vocês.

Agradeço ao Arthur, aos meus amigos do EJE, que me confortaram e me animaram muito nesse último semestre que achei que seria de choro e pânico. Grata também a minha equipe de trabalho que compartilhava sobre as experiências deles com a monografia e me acalmava em dias difíceis, seja fazendo rir ou afirmando que eu iria sentir saudade de tudo isso.

Agradeço também à minha orientadora Áurea Cerqueira, ao seu cuidado com a pesquisa, as indicações, a disponibilidade e as recomendações que me tranquilizaram em momentos que eu ficava um pouco sem rumo. Além de todas as entrevistadas da pesquisa.

Por fim, sou grata pelas escolhas que fiz durante esse ano de 2024, grata pelo tema de pesquisa que me transformou em muitos aspectos e me proporcionou um olhar a partir de outra perspectiva. Além disso, foi esse ano e, também com a pesquisa, que me autorizei como alguém capaz de atuar na psicologia e de ter uma crítica e uma argumentação frente a algumas temáticas. Foi um ano que me transformei enquanto mulher, quebrei alguns dos meus próprios ideais e me fortaleci na minha espiritualidade, a partir de um outro lugar.

Sumário

Resumo **4**

Abstract **5**

Introdução **9**

Capítulo 1 - Fundamentação teórica **12**

1.1 Sexualidade **12**

1.2 Sexualidade e Religião **15**

1.3 Sexualidade, Religião e Sublimação **17**

1.4 Os Discursos sobre o Ideal Feminino **20**

Capítulo 2 – Metodologia **26**

2.1 Participantes **26**

2.2 Instrumentos **26**

2.3 Procedimentos **27**

Capítulo 3 – Resultados e discussão **29**

3.1 Sexualidade e Castidade **30**

3.2 Expectativas e Papel da Mulher na Igreja: O ideal Feminino, a Maternidade e o Casamento **37**

3.3 Culpa e pecado (saúde mental) **40**

Considerações Finais **47**

Referências **50**

Anexos 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE **52**

Anexo 2: Parecer Consubstanciado do CEP/CEUB **57**

Apêndice 1: Roteiro de entrevista semiestruturada **62**

INTRODUÇÃO

Na definição de Menegon e Silva (2015), a sexualidade é uma dimensão humana que está "ligada à vida, ao amor, expressão subjetiva da autonomia e da beleza." (p. 123). Os autores também consideram que cada sujeito atribui sentidos únicos e individuais à sexualidade e eles estão relacionados aos desejos, escolhas afetivas, sentidos existenciais, sociais, estéticos, eróticos, éticos, morais e espirituais (Menegon & Silva, 2015). Outra definição de sexualidade, que também será considerada neste trabalho, é que ela se refere a uma totalidade de sentidos e é influenciada pela dimensão histórica e cultural do sujeito, além de acompanhá-lo ao longo de toda a sua vida (Gomes & Lisboa, 2015).

A sexualidade também pode ser pensada como algo que se constitui a partir de múltiplos discursos sobre o sexo, discursos esses que são produtores de verdade e saberes que regulam a prática e essa sexualidade pode ser exercida de diversas formas (Louro, 1997).

A noção de sexo e feminilidade passou por uma série de mudanças e influências históricas, sociais e religiosas. Considera-se que a existência de uma aliança entre igreja, família e medicina exerceu forte influência para o controle e definição de um ideal de mulher (Fonseca, 2011). Além disso, a igreja ao longo de sua história foi uma grande produtora de discursos de poder e "verdades" e acredita-se que isso influenciou a vivência da sexualidade das mulheres da época, e hoje ainda existe um impacto desse discurso (Foucault, 1979).

A invisibilidade da mulher e a sua ocupação no meio doméstico eram comuns ao seu papel num passado não tão distante, até que de forma gradativa, as mulheres começaram a ocupar lugares em meios trabalhistas, porém suas atividades ainda ficavam subordinadas a um homem. Além disso, esse lugar se resumia e tinha como destino o cuidado, a assistência e a educação (Louro, 1997). A ideia de “papéis” sociais, segundo Louro (1997), é simplista,

tende a ser algo estabelecido pela sociedade, como uma regra que define o que é ou não adequado. Na revisão de literatura realizada neste trabalho, o foco recai sobre as redes de poder nas quais a feminilidade foi sendo constituída (Louro, 1997).

Sexualidade, mulher e religião são eixos que atravessam um público específico e que possuem vários fatores em comum, como também fatores discordantes. Levando-se em consideração que a sexualidade pode ser, à luz da psicanálise, considerada como uma pulsão de vitalidade para a mulher, se associada e dependente à figura de um outro, pode acarretar impactos prejudiciais à saúde mental da mulher.

Zanello (2018) desenvolve argumentos sobre a influência dos dispositivos amorosos e de maternidade na saúde mental das mulheres. Pensando nisso, é importante considerar o impacto dessa relação na vivência das mulheres com sua própria sexualidade.

Diante disso, e com o aporte da teoria psicanalítica, busca-se responder às seguintes perguntas: I) como uma mulher católica vivencia sua sexualidade? II) ela é vivenciada de forma mais dependente de outros fatores ou há espaço para a vivência individual? III) A temática da sexualidade gera conflitos com os ideais religiosos para essas mulheres?

O objetivo do presente estudo foi o de investigar sobre a vivência da sexualidade em mulheres católicas e como ideais femininos influenciam nessa experiência. Além disso, investigar as representações do ideal feminino religioso para as mulheres; compreender as dinâmicas do desejo que podem estar atreladas a esses ideais e, por fim, investigar se há investimento na própria sexualidade de forma independente das demandas do outro.

Este trabalho surgiu do interesse da pesquisadora a partir do contato com mulheres de diferentes religiões cristãs e pela curiosidade de entender como a sexualidade é vivenciada por esse público. Entendendo que sexo e sexualidade são considerados um tabu nesse meio e pouco se fala disso sem ser com base em um discurso que idealiza o papel das mulheres e

reduzem a sexualidade à reprodução. Aqui pretende-se levar em consideração a sexualidade para além de uma relação sexual, e sim como um eixo importante na vida das mulheres e que pode estar associado à vitalidade.

O ser mulher foi construído a partir de um ideal que tinha como base a maternidade, a submissão e a obediência e tinha seu prazer destinado à vida doméstica, espiritual e materna (Fonseca, 2011). Nesse sentido, até mesmo a sensualidade da mulher mãe de família era disciplinada, para exaltar sua maternidade (Menegon & Silva, 2015).

Apresentado esse contexto, é importante considerar que a sexualidade da mulher foi sendo objeto de constantes interferências de uma série de instituições de poder, portanto pode-se pensar na sexualidade feminina como uma temática social e política (Menegon & Silva, 2015).

Esta pesquisa é relevante para investigar as nuances entre sexualidade, mulher e religião, entendendo a experiência do viver sob influência dessas três temáticas. Busca-se compreender se entre essas temáticas há conflitos experienciais ou um lugar que assegura conforto e bem-estar. Diante disso, terá um valor acadêmico e científico significativos, uma vez que pode ajudar futuras pesquisas e até mesmo profissionais que entrarem em contato com esse público. Valor político, econômico e social também, visto que o estudo levantará em sua bibliografia a transição dos diferentes lugares simbólicos que as mulheres ocuparam, e como essa transição foi uma luta com constantes quebras de paradigmas e construção de novas realidades que continuam sendo a todo momento questionadas.

Capítulo 1

Fundamentação Teórica

1.1 Sexualidade

Como já apresentado na introdução, sexualidade será aqui definida como uma dimensão humana que se relaciona com vários campos subjetivos do indivíduo, sejam eles ligados ao desejo ou não (Menegon & Silva, 2015). Outra ideia que se considera importante para a presente pesquisa é a de que a sexualidade não é algo dado pela natureza, ou muito menos vivenciado da mesma forma por homens e mulheres. Ela envolve uma série de representações, rituais, linguagens, símbolos e convenções. (Louro, 2018).

Segundo Silva e Brígido (2016), a temática sobre sexualidade ainda nos dias de hoje é difícil de ser debatida, visto que foi ao longo dos anos alvo de repressões e se tornando um grande tabu, além de ser reduzida à ideia de genitalidade e reprodução. Nesse sentido, os autores afirmam que a religião, sobretudo o cristianismo, atribuiu ao conceito de sexualidade o “status de pecado” (p. 126).

Na Idade Média, a igreja católica usou de ferramentas como medo, culpa e pecado para o controle da sexualidade. Aqui se estabelecem os chamados problemas da carne, o controle dos desejos e a necessidade de confissão para manter a busca pela santidade (Silva e Brígido, 2016). Com isso, a vivência da sexualidade estava a todo momento sendo vigiada, controlada. A constituição do casamento, a noção de fidelidade e a valorização da castidade eram os meios incentivados da época, em detrimento do comportamento que exercia a sexualidade de forma livre, como a masturbação e o sexo fora da vida conjugal do casamento (Silva & Brígido, 2016).

Mesmo no renascimento, com a valorização e a exaltação do corpo, a influência e o controle da sexualidade ainda estavam presentes, principalmente na ideia da constituição familiar. Portanto, é possível perceber que a temática ainda esteve sob a influência de discursos moralistas e religiosos mesmo nesse momento (Silva & Brígido, 2016).

Segundo Foucault (1979), o poder e os regimes de verdades são modos de subjetivação e a partir deles se estabelecem discursos de verdades. Os saberes são construídos a partir do conflito ou debate de diferentes discursos e os resultados disso subjetivam os sujeitos e os tornam quem são. Com isso, pode-se pensar que a sexualidade foi sendo associada a um discurso de “erro” ou pecado, e esse saber foi instituído pelo pensamento da época, sujeitando os indivíduos a uma vivência apartada da prática do sexo como um prazer.

Nesse meio, a psicanálise apresenta uma nova concepção de sexualidade e de mulher, atuando como uma quebra de paradigma. Na pós-modernidade, o fazer e falar sobre sexo passa a ser mais frequente e de interesse maior. O incentivo aqui passa a ser falar sobre a sexualidade e distanciá-la na noção religiosa e moralista, adotando um caráter mais naturalizado, tornando-se assim, “um objeto de estudo pelo próprio corpo social” (Silva e Brígido, 2016, p. 128).

Com a afirmativa de Freud sobre a existência de uma sexualidade na infância, marca-se a ruptura polêmica de um paradigma, segundo os autores Silva e Brígido (2016). Esse paradigma acreditava na sexualidade voltada e destinada apenas à genitalidade, e essa passa a ser vista como um campo subjetivo amplo presente no desenvolvimento humano. Nesse âmbito, sexualidade é definida então como uma força que tem como base uma energia, nomeada como pulsão, pode ser ela de vida e de morte, ambas são atuantes no sujeito.

Após 1920, a definição de pulsão de vida foi definida como sendo a pulsão de autoconservação e a pulsão sexual, elas que produzem movimento. Enquanto a pulsão de

morte seria destinada à autodestruição, destruição do outro e uma força que pode estar associada ao desprazer, além de ter uma tendência ao repouso, à estagnação e à ausência de movimento (Freud, 1905/1980). Logo, a definição de sexualidade para a psicanálise tem relação com uma tensão, normalmente associada a um desprazer, e a sua descarga, associada ao prazer. Portanto, entende-se que a sexualidade está relacionada a uma dinâmica energética, que coloca o sujeito desejante como alguém que está em constante falta e à procura de algo que resolva essa falta.

Birman (1999) também afirma que as contribuições psicanalíticas para a definição de sexualidade têm uma multiplicidade de significados, é polimorfa. A própria ideia do sexual não deve ser resumida ao campo restrito da palavra, pois é marcado por uma polissemia. O entendimento da sexualidade de uma forma mais ampla no campo dos significados faz com que a escuta psicanalítica diferencie isso de outras interpretações dadas pela sexologia. A ideia de a sexualidade ser polimorfa, segundo Birman (1999), significa que ela tem diversas e diferentes formas de existir e se apresentar em várias modalidades. Ela é múltipla, logo não se pode resumir a unidade que estabelece à finalidade de reprodução.

Neste trabalho são discutidas as diferentes concepções de ideais nas quais a figura da mulher foi sendo colocada, sejam elas os ideais de feminilidade e de maternidade, e os ideais religiosos. O processo de subjetivação que leva em conta dispositivos amorosos e de maternidade pode ter um grande impacto na vida e na saúde mental das mulheres. Entender que esses dispositivos são constitutivos de uma identidade da mulher vai além de aspectos relacionais. A constituição da mulher enquanto sujeito é atravessada pelo ideal de mulher que está sempre à disposição de alguém, sempre pelo outro e raramente com energia destinada a ela própria (Zanello, 2018).

Entendendo a sexualidade como uma energia psíquica destinada ao próprio sujeito, pode-se pensar que a sexualidade feminina sofre influência direta desses dispositivos citados por Zanello (2018). Nesse sentido, pensar em uma vivência plena da sexualidade pela mulher é inferir que essa temática está apoiada sobretudo no olhar e no reconhecimento do outro. Aqui, a noção de um ideal é ainda mais fortalecida, visto que ele é algo constituído por valores externos ao sujeito.

Nesse contexto, começa a ser pensado em como esse desejo em forma de energia vital foi por muito tempo sublimado, pois a sexualidade foi ao longo da história reprimida e precisou ser satisfeita de outra forma. Considera-se a sublimação como algo que permite ao sujeito destinar a energia dessa pulsão a atividades psíquicas superiores como mecanismo de substituição (Silva & Brígido, 2016).

1.2 Sexualidade e Religião

Como já comentado, a sexualidade foi enquadrada como algo a ser domesticado de acordo com o discurso religioso. Tem como verdade que os prazeres da carne e o desejo são pecaminosos e não devem dominar o sujeito, pelo contrário devem ser dominados por ele.

No início da era cristã havia os chamados tratados de virgindade que incentivavam a vida casta e apresentavam as ameaças do matrimônio, a ideia era proteger as mulheres do casamento e seus possíveis perigos e investir na preservação do corpo. Desde então, o sexo era colocado nesse lugar de perigo e pavor, e a igreja usava de seu poder de influência para controle dos desejos da "carne". (Dantas, 2010).

Enquanto nos mosteiros, séculos IV e VI, sob influência da literatura monástica, para o público masculino que ficava isolado, também havia a propagação da ideia de sexo e desejo como um pecado carnal, porém, diferentemente das mulheres da época, os monges não

tinham contato com o sexo oposto, já que ficavam isolados. Portanto, a atividade sexual não era a maior preocupação para os organizadores dos mosteiros, e sim o desejo que "perturbava os monges e ameaçava a santidade alcançada." (Dantas, 2010, p. 107). Logo, a verdade estabelecida era a noção de sexo como um desvio a santidades e que não poderia nem ser pensado.

O controle sexual era feito para todos os cristãos da época, porém com a diferença de que para as mulheres o controle era da prática do ato sexual, enquanto para os homens o controle era do pensamento, do desejo. Diante disso, os monges eram incentivados a vigiar seus desejos eróticos e combatê-los e é nesse momento que várias práticas de mutilação corporal passaram a ser usadas para autopunição (Dantas, 2010). A moral sexual aqui era constituída entre o pecado e a indecência (Menegon & Silva, 2015).

Antes do matrimônio ser um sacramento da igreja, ele era uma aliança política entre famílias e uma instituição laica e privada. Somente no século IX que a igreja começou a participar dos casamentos, sem, no entanto, celebrar; ainda era um debate as ideias de promover e incentivar o casamento, já que teriam que rever alguns preceitos. Então, no século XII, a igreja começou de fato a interferir nas cerimônias e iniciou a construção de um ideal de casamento, indissolúvel e monogâmico. E a partir disso, o casamento passa a ser uma instituição pública e religiosa (Dantas, 2010).

Com a participação da igreja no casamento, o sexo passou de uma condição proibitiva a uma prática possível dentro do casamento, como uma obrigação dos cônjuges, e não podia ser acompanhada de desejos eróticos. A sexualidade aqui era restrita à reprodução. Então, foram sendo definidas as condições para uma vida conjugal, na qual, para não ser enquadrada no pecado, a relação sexual não poderia ser realizada com obstáculos para a procriação. Além disso, havia posições específicas, era uma prática contida e recatada, não podia ser negada

quando solicitada por um dos cônjuges e funcionava como uma espécie de dívida que era adquirida quando a relação era consolidada pelo casamento. O ato sexual aqui era um ritual sagrado, regulamentado e disciplinado pelos sacerdotes da igreja (Dantas, 2010).

O casamento nessa perspectiva, ainda era desassociado do amor; as relações sexuais tinham um caráter breve, sem calor, com a durabilidade suficiente para ejaculação e fertilização. Para evitar o contato e a observação do corpo, usavam-se lençóis com buracos para que a penetração ocorresse sem prazeres desnecessários (Zanello, 2018). O desejo sexual era exclusividade dos homens, só que não necessariamente com suas esposas, também acontecia com mulheres fora do casamento, mesmo sendo considerado pecado, só que para eles, era um pecado perdoável (Zanello, 2018).

No século XV foi desenvolvida então, a prática da confissão, que buscava adentrar nas informações da vida íntima dos cristãos. Os sacerdotes passaram então a inquirir os fiéis e havia manuais que os auxiliavam para que nada fosse esquecido. A prática da confissão passou a ser temida por alguns, pois tinham medo de que despertasse desejos desconhecidos, já que os inquéritos eram detalhistas e tinham o intuito de explorar os pecados da carne (Dantas, 2010). Os cristãos eram incentivados a se vigiar, já que, segundo Dantas (2010), "imaginar o pecado era tão grave quanto cometê-lo" (p. 711). E até mesmo as leis civis da época incentivaram esse controle, tanto que crime e pecado chegavam a ser confundidos.

1.3 Religião, sexualidade e sublimação

Como já mencionado, a sexualidade não se resume ao genital, e outra noção que se faz importante é a diferenciação entre genital e genitalidade. Segundo Gomes e Lisboa (2015), a genitalidade é o movimento que coloca no ser a marca do feminino e do masculino,

diferenciando-os no princípio de alteridade, seria um redirecionamento da imagem de si para o outro.

A escolha por uma vida religiosa consagrada, com base na castidade e no celibato, é amparada na ideia de um chamado divino e uma dedicação a uma causa maior. Existe um processo de formação e nela é refletido o desejo do indivíduo que escolhe seguir a vida religiosa consagrada. Aqui, a sexualidade do sujeito é um impasse para a vida consagrada (Gomes & Lisboa, 2015). Isso porque ela deverá ser vivenciada de outra forma e seus destinos são outros, e para isso, entende-se que seja necessário preparo e a disposição de recursos internos, espirituais e psicoafetivos.

Gomes e Lisboa (2015) entendem que a via de destino da sexualidade nesse caso é a sublimação. Entende-se aqui que o sujeito que faz essa escolha suporta viver na falta e sem a satisfação imediata de seus prazeres, dando esse lugar a Deus como sendo uma realidade de desejo constante e duradoura, a qual nunca estará na posse do sujeito.

A escolha pela vida consagrada é pautada na ideia de não estabelecer um vínculo conjugal com uma pessoa, não se casar. E pensando nas vicissitudes da sexualidade nesse meio, compreende-se que o sujeito orienta a pulsão sexual para a produção religiosa, artística ou intelectual e assim a sexualidade é vivenciada por outras vias (Gomes & Lisboa, 2015). Quando se pensa no conceito de moral sexual civilizada de Freud (1908), fica evidenciada a ideia de uma sublimação da pulsão sexual que é destinada à produtividade cultural. E aqui a sublimação não é o recalque, é outra forma de destino do desejo.

Pensar assim, permite entender que quem escolhe o caminho da vida religiosa consagrada, ou outros tantos meios de viver a espiritualidade e a religiosidade, não deixa de ter uma vivência da sexualidade, mas a coloca em outro nível, justamente pela forte relação que tem com o sagrado. Dando outro destino para essa pulsão, é possível se envolver com as

causas divinas, “causas nobres, seja no âmbito religioso, político-social, da arte ou da produção científica, conferindo movimento de sublimação” (Gomes & Lisboa, 2015, p. 606).

Por fim, aqui entende-se que a escolha da vivência da sexualidade de cada pessoa é algo que depende de sua história de vida e das influências que a perpassam, não existindo então uma maneira certa ou errada. Além disso, viver com base na escolha pela vida religiosa consagrada pede um importante autoconhecimento. Segundo Gomes e Lisboa (2015):

> “quem não for capaz de viver num equilíbrio entre a imaginação e as necessidades sexuais no afã de se permitir tudo, não poderá ser capaz de fazer esta escolha de vida. Desse modo, a pessoa não conseguirá viver feliz numa relação positiva com a realidade a que se renunciou. Porém, o controle das pulsões sexuais é possível mediante a capacidade de o indivíduo usar essa energia em vista de valores culturais” (p. 607).

Diante dessa temática, pode-se pensar no conceito de Ideal do Eu, de Freud (1921). Descrito por Roudinesco (1998), ao citar Lacan, o Ideal do Eu tem como base o outro como faltante e é permeado por uma relação simbólica. E a noção de idealidade para Freud vai no sentido de um investimento de uma libido não somente no próprio sujeito, como faz uma criança, mas também na relação objetal com o mundo externo. É a ausência do narcisismo infantil que permite ao sujeito uma noção de ideal no outro. Além disso, o conceito de Ideal do Eu, que Freud formulou em Psicologia das Massas, em 1921, é atribuído à função de auto-observação, consciência moral, censura onírica e influência também o recalque. O lugar Ideal do Eu é destinado a um objeto de fascinação, hipnotizador ou um líder (Roudinesco, 1998).

Diante disso, pode-se pensar na figura de Deus, a qual é colocada nesse lugar do Ideal do Eu, e como ele pode levar o sujeito, que tem condições de sublimar os seus desejos, a uma correspondência cada vez mais próxima do seu Ideal do Eu. Além de pensar em como a

repressão da sexualidade ocorre em alguma frequência, a partir da ocupação de Deus nesse lugar, já que a figura que está ocupando o Ideal do Eu é desvinculada da temática e de desejos.

1.4 Os Discursos sobre Ideal feminino

Além da igreja, segundo Menegon e Silva (2015), o Estado e a medicina também perpetuaram discursos de verdades que favoreceram a construção de um ideal feminino. A imagem do belo associado ao feminino era a representação de boa esposa e mãe de muitas crianças, uma imagem associada à reprodução.

No século XIX, a diferenciação mais claramente marcada da noção de sexo feminino e masculino, faz com que a mulher comece a ganhar um olhar e uma preocupação mais individualizada. A sexualidade feminina ligada à sedução era vista de forma negativa e o ideal feminino era vinculado à imagem da mãe, aquela que tem instinto materno e o amor espontâneo (Menegon & Silva, 2015).

Não só a imagem e os comportamentos foram disciplinados, mas também o corpo foi sendo domesticado, nesse cenário, inicialmente nas instituições escolares, educaram o feminino para serem dóceis, discretas, gentis, obedientes, a pedir licença e desculpa. (Louro, 2018). Nesse lugar que educa o corpo e a representação da sexualidade, pensamentos, fantasias, experiências e dúvidas da sexualidade são mantidas em segredo e no privado, e as estratégias de disciplina eram tantas que o aprender sobre a temática foi permeado de vergonha e culpa, deixando assim a sexualidade na esfera do privado, anulando a dimensão social e política. Isso considerando apenas os corpos que seguiram os padrões normativos, porque fora disso o contexto era ainda mais dificultoso (Louro, 2018).

Para a ascensão da figura da mãe, a sensualidade da mulher deveria ser disciplinada, já que o ideal de mãe era o oposto de ser uma mulher sensual, eles não podiam ocupar a mesma figura. A imagem da mulher mãe e esposa casta que tinha, por natureza instintiva, a devoção ao outro era o ideal da mulher da época. Aquelas que escolhiam subverter a ordem e se manter com sua sensualidade ocupavam a imagem da prostituta, alguém que não abriu mão do desejo erótico e tinham traços do egoísmo, da infidelidade e da não castidade (Menegon & Silva, 2015).

Em ambos os lugares ocupados pelas mulheres na época, o controle do corpo era algo evidente. Enquanto a mãe era vista como um corpo assexual e destinada à procriação, a da mulher sensual passou a ser um corpo para o sexo e era medicalizado, para não ameaçar a ordem social e familiar (Menegon & Silva, 2015). Nesse momento, considera-se importante entender que dentro dessa temática os corpos ganham sentido socialmente, e suas marcas de feminino e masculino apresentam marcas da cultura. Com isso, as diferentes formas de expressão da sexualidade, considerando prazeres e desejos, são socialmente estabelecidas e codificadas (Louro, 2018).

As mulheres que direcionavam os seus desejos para vias além da maternidade e tinham um ardor sexual foram consideradas como doentes mentais, tendo o cérebro sob o domínio do útero. Houve inclusive uma classificação da feminilidade, aquelas que tinham a sexualidade aflorada e em excesso eram as prostitutas, enquanto aquelas que não foram escolhidas ao casamento eram as solteironas, as malsucedidas (Zanello, 2018). Aqui, pensa-se também sobre a hierarquização das mulheres, que eram divididas entre mães, esposas, putas e solteironas.

A figura da mulher prostituta estabeleceu condições para fortalecer o ideal da mulher mãe. Nesse caso, o que também foi sendo controlado foi a feminilidade e sexualidade da

mulher, que quando não era mãe, era o objeto de desejo. Assim, a feminilidade é prostituída e constrói a ideia de mulher-objeto, o que fetichiza o feminino (Menegon & Silva, 2015).

Isso faz com que a mulher mãe se desapegue da sua sensualidade a da possibilidade de ser alguém que manifesta e vivencia a sexualidade, destinando sua energia ao cuidado do outro. Até mesmo a mulher que ocupava a imagem da prostituta estava sob a condição de satisfação do desejo masculino e não necessariamente o dela. Nesse sentido, a mãe é quem acolhe a família, e a prostituta é quem acolhe o gozo masculino (Menegon & Silva, 2015). Mulher e desejo, nesse caso, pareciam não poder ser ocupados por uma mesma figura (Menegon & Silva, 2015).

Zanello (2018), em meio a essa temática, discute sobre os dispositivos históricos aos quais as mulheres foram sendo vinculadas, o dispositivo amoroso e materno. Ela afirma que a ideia de amor não foi pensada como algo natural humano, e sim específico para cada classe, gênero e sociedade. Na época em que os casamentos eram arranjados, a união não era estabelecida por amor e sim por negócio entre famílias. Nesse acordo, o homem tinha certa liberdade sexual consentida, enquanto a mulher tinha sua sexualidade controlada. A mulher ideal era "pura, generosa, fiel e assexual." (p. 64).

Com isso, cabe pensar também, como a religião acaba influenciando nessa narrativa, principalmente associando a figura da mãe, da mulher que deve ser recatada e se resguardar, pois somente assim são escolhidas pelos homens para o casamento. A ideia de ser escolhida e de passividade também é uma questão própria de gênero (Zanello, 2018). Nesse sentido, o fracasso da vida de uma mulher religiosa pode ser pensado como não ser um objeto de escolha de um homem para uma relação e consequentemente não se casar e não maternar.

Eventualmente, aquelas que não conquistaram essas condições podem inclusive ter a sua vivência da sexualidade atravessada por uma série de demandas como culpa e cobrança.

Ou pior, entrarem em uma relação apenas para não fracassar nos ideais construídos para seu gênero, estando cada vez mais vulneráveis nas relações.

Esses ideais favorecem uma noção de verdade que influencia os múltiplos discursos, tal como o de que o mundo doméstico era o lugar da mulher, o que garantiu uma invisibilidade ao feminino e a colocava como parte de um mundo privado. Para que pudesse tornar público e garantir então a sua visibilidade, as estudiosas feministas iniciaram as lutas pela garantia de diferentes espaços e para ampliar a visibilidade da mulher como sujeito desejante (Louro, 1997). As diferentes representações de mulheres ao longo dos séculos foram sendo alteradas, sobretudo pelas ondas feministas.

Com o estabelecimento dos ideais de mulher pode-se perceber que a mulher era mãe, casta, dona de casa e responsável pelo cuidado da família, alguém para quem o amar é de natureza intuitiva. E somente com a evolução de ideias, lugares e discursos de verdade a mulher foi ocupando outros lugares, que deram a ela novos ideais. Porém, eles parecem nunca estar desassociados do ideal de mulher que está a favor do outro, que tem o amor como um dispositivo de excelência, na qual a sexualidade está sempre voltada para outro alguém, seja para os filhos, para o marido, para a casa, enfim para a família (Zanello, 2018).

No final do século XIX e início do XX, com os processos de industrialização e urbanização e crescente valorização do individualismo, a ideia de amor-paixão erótica começou a ser estabelecida. A escolha por quem se relacionar foi sendo naturalizada, porém para os homens, porque as mulheres tinham que se fazer escolher. Aqui o não casar passou a ser o meio de insucesso feminino, portanto as mulheres tinham que se comportar e se preparar para corresponder aos padrões e serem escolhidas, ou seja, ainda sob a ótica de ideais (Zanello, 2018).

Com os avanços das ideias de casamento por amor, das mulheres em mercados de trabalho e das pílulas anticoncepcionais, o prazer no ato sexual passou a ser mais bem visto. Aqui a mulher foi sendo mais erotizada, seu corpo podia aparecer mais e a sexualidade virou um imperativo. Porém, isso tudo ainda era pensado como o objetivo de serem escolhidas, e os homens que avaliavam o valor dado à mulher (Zanello, 2018).

Mesmo com os avanços nas ideias de amor-paixão, o amor romântico foi se colocando cada vez mais sob a ótica de controle de seus atos. Esse é um discurso de poder, a fidelidade a todos esses compromissos que é, em maior parte, cobrada da mulher foi sendo estabelecida com base nesses ideais, que tanto custam a saúde mental das mulheres. Segundo Zanello (2018), as relações de poder corrompem a ideia de amor romântico, principalmente quando colocam a mulher em um lugar de dependência psicológica, além de estimular a permanência nesse lugar.

Apresentam-se aqui novas formas de sexualidade, porém a mulher ainda é alguém sem escolha, sem lugar ativo em relação a sua própria sexualidade. Todas essas noções de feminilidade, que valorizam a delicadeza, a sensibilidade, o se doar por outro alguém, vão contra o desejo de ser para si e de valorização de sua individualidade. (Menegon & Silva, 2015).

Como uma tentativa de subverter essa ideia de passividade, o celibato que por muito tempo foi incentivado para as mulheres para se manter em um ideal de vida casta e cumprir com a moral religiosa, foi incentivado pelas feministas no começo do século XX, como uma estratégia contra a dominação masculina. Porém, esse ato foi perseguido, já que fugia da nova ordem que valorizava a família, a mulher mãe, a mulher casada e as solteiras eram tidas como ameaça (Zanello, 2018).

Capítulo 2

Metodologia

Este é um estudo que utiliza o referencial teórico psicanalítico, com ênfase na metodologia qualitativa, um tipo de pesquisa que se ocupa da área das ciências sociais e aborda uma realidade que não pode ou não deve ser quantificada (Minayo et al., 2009). Trabalha com significados, motivos, crenças e aspirações. E é pensando na realidade e interpretando as ações do sujeito que é possível perceber como o ser humano se distingue, porque não apenas age, ele pensa sobre isso.

Na pesquisa qualitativa, é justamente o universo da produção humana que é significativo, ele é o mundo das relações, intencionalidades e das representações, e é esse o objeto de estudo da pesquisa qualitativa. (Minayo et al., 2009).

2.1 Participantes

Participaram deste estudo 03 (três) mulheres, praticantes da religião católica, com idades entre 18 a 56 anos. As escolhas foram feitas por conveniência, a partir da rede de contatos da pesquisadora assistente. O intuito foi o de selecionar uma participante por intervalo de idade, ou seja, uma que estivesse com idade entre 18 a 30, outra entre 31 a 43, e a terceira entre 44 a 56 anos, podendo-se assim considerar também uma diferença temporal entre as entrevistadas. Os critérios para a escolha das participantes foram: ser mulher, ter a idade enquadrada na descrição dos participantes da pesquisa e ser frequentadora regular de alguma igreja católica do DF.

2.2 Instrumentos

Roteiro de Entrevista Individual Semiestruturada

Foi realizada uma entrevista individual semiestruturada, com cada uma das participantes, conforme roteiro em apêndice (Apêndice 1). Cada entrevista individual foi realizada em local previamente reservado para essa finalidade, o qual garantiu a integridade da participante, assim como a preservação da privacidade e do sigilo das informações fornecidas. Cada entrevista teve a duração de 1 hora, aproximadamente, e foi feita a gravação em áudio, para garantir a análise fidedigna posterior dos resultados obtidos.

2.3 Procedimentos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário de Brasília – CEP/CEUB (Anexo 2), de acordo com as Resoluções no. 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde - CNS.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética, a pesquisadora realizou as entrevistas individuais. Antes da entrevista, cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo 1), no qual constam os objetivos, os procedimentos e as características da pesquisa.

As informações obtidas a partir das entrevistas foram submetidas à metodologia de análise de conteúdo temática. Num primeiro momento, foi feita uma leitura das transcrições das entrevistas, com o intuito de se atingir uma compreensão mais profunda daquilo que foi pontuado pelas mulheres e uma visão ampla sobre o tema e as vivências das participantes. Após isso, foram elaboradas algumas suposições iniciais para orientar a análise e a interpretação das informações, e logo em seguida foram definidas categorias iniciais para análise dos núcleos de sentido (Minayo et al., 2009).

Num segundo momento, foi feita a análise de fato e para isso, frases e trechos dos materiais foram separados e enquadrados dentro das categorias anteriormente escolhidas.

Nesse momento, também foram identificados os núcleos de sentido encontrados nos materiais para dialogá-los com as suposições inicialmente levantadas. Após esses passos, os diferentes núcleos de sentidos pontuados passaram por uma análise para colocá-los em categorias específicas de análise dentro de uma mesma temática (Minayo et al., 2009).

Dentro dessas categorias específicas foram reagrupadas as partes do material para a elaboração de uma redação por cada eixo de tema encontrado, articulando conceitos teóricos para orientar a análise. Ao final e com o resultado dessa análise foram levantados os principais temas a partir do roteiro de entrevista usado na pesquisa, juntamente com o material teórico elaborado pela pesquisadora para atender os principais objetivos. (Minayo et al., 2009).

Capítulo 3

Resultados e discussão

Para a apresentação dos resultados, com o intuito de garantir o sigilo e a segurança das três participantes, foram escolhidos nomes fictícios para identificá-las. Assim, essas foram nomeadas de Tulipa, Lírio e Rosa. Inicialmente, as participantes serão apresentadas conforme elas se auto descreveram nas entrevistas realizadas.

Tulipa é uma mulher de 26 anos, solteira, católica e moradora do DF. Vem de uma família católica, mas começou a participar de forma mais ativa na igreja aos 15 anos de idade, ocasião em que ela participou do primeiro grupo de jovens. Atualmente, continua o trabalho frente à juventude na igreja, com uma prática e presença frequentes. Afirma ser batizada desde pequena e que fez outros sacramentos da igreja, como catequese, após os 15 anos, quando ela escolheu ter presença mais ativa nesse contexto. Hoje em dia, ela considera que a vivência da vida religiosa é uma base para que possa discernir o certo e o errado, o que valoriza ou não no ser, e que isso influencia muito na vida cotidiana dela.

Lírio é uma mulher de 37 anos, casada, mãe de um filho e moradora do DF. Não tem uma vida religiosa desde o nascimento. Afirma que, após a morte do pai, aos 5 anos de idade, começou a frequentar a igreja porque as pessoas a levavam como uma forma de acolhimento. O primeiro contato dela com uma comunidade religiosa foi em um culto e ela relata que se encantou com o coral da música; após isso, começou a participar de terços nas casas da vizinhança, até que foi convidada a participar do coral infantil de uma igreja católica. Fez a primeira formação para esse coral e afirma que desde então a música e as artes no geral fizeram com que ela se vinculasse à comunidade religiosa. Hoje em dia, ela afirma que já

teve uma participação mais intensa e frequente na sua igreja, mas segue frequentando as missas, faz parte da pastoral e de um ministério de músicos, canta em casamento e considera que tem uma vida espiritual ativa, com práticas de orações diárias. Em relação à influência que a religião tem em sua vida, Lírio relata que hoje influencia bem menos do que há uns anos. Afirma que principalmente na época da sua juventude, tentava se pautar em 100% dos dogmas propostos pela igreja católica, e que hoje considera que conseguiu, segundo ela, "ampliar os horizontes", relata se sentir "transgressora", porém isso trouxe mais paz e leveza para sua vida e no contato com Deus.

Rosa é uma mulher de 56 anos, casada, mãe de dois filhos e moradora do DF. Tem participação na igreja católica desde a infância, vem de família católica e percebe uma participação mais ativa desde a época da catequese, após isso deu continuidade em grupos jovens, depois em encontro de casais e participação em diversas pastorais. Hoje em dia participa de uma equipe de espiritualidade conjugal e da campanha da Mãe Peregrina, considera que tem uma participação intensa. Em relação à influência que a igreja tem na vida de Rosa, ela afirma que a religião é a base, que ela é quem é por conta disso. Relata que dá muito valor e importância a sua crença, diz precisar muito disso.

Para análise e discussão das informações obtidas nas entrevistas e melhor articulação teórica apresentada na pesquisa, as seguintes categorias foram definidas: Sexualidade e Castidade; Expectativas e papel da mulher na igreja: O ideal feminino, a maternidade e o casamento e Culpa e pecado (saúde mental)

Sexualidade e Castidade

A definição de sexualidade expressa pelas entrevistadas coincidiu com o descrito na fundamentação teórica desta pesquisa. Sexualidade aqui é considerada como uma dimensão humana, ligada à vida, ao amor, à autonomia, relacionada ao desejo e a escolhas (Menegon e

Silva, 2015). A definição presente nesta pesquisa é uma visão de sexualidade e desejo em um sentido mais amplo, que inclusive destaca sobre a vitalidade humana.

Na entrevista, Tulipa definiu sexualidade em duas perspectivas, uma relacionada ao sexo, à relação sexual propriamente dita, e outra ela define no sentido da feminilidade, da noção de seu próprio corpo, do seu ser e sentir, referente à formação feminina e à formação de um eu. Para Lírio, sexualidade está relacionada a uma energia vital, algo que vai para além do sexo. É a forma de se expressar, a relação consigo e com os outros, a criatividade e a libido. Por fim, Rosa afirma que sexualidade é afeto, amor, cuidado, compreensão e renúncia. Renúncia, no sentido de que para ela a sexualidade envolve o outro, e nesse caso, quando envolve o outro, para que exista um equilíbrio é necessário, segundo ela, abrir mão de alguma coisa.

Nas entrevistas foi possível perceber abertura para falar da temática. Elas afirmaram que o próprio contexto religioso oferece esse espaço de fala, porém em um lugar do cuidado, do que pode e o que não pode, de como se preservar, zelar pelo sexo e preservar a castidade. Ao compartilhar sobre essa vivência da sexualidade e de como a religiosidade influencia, Lírio afirma que vivenciou a castidade e que para ela foi uma época difícil. Ela afirma que o medo sustentou essa escolha.

A definição de castidade que Lírio trouxe na entrevista foi no sentido de preservação do corpo, considerando que o corpo, segundo ela, é templo do Espírito Santo e que precisava cuidar e preservar. Além disso, ela afirma que tinha o hímen como o maior símbolo de garantia da castidade e que o rompimento dele significaria romper com a imagem de ser uma mulher casta.

Quando ela trouxe sobre o medo que sustentou essa escolha, ela lembra uma fala que ouvia constantemente da mãe:

> “Minha mãe falava que quem era pobre, a única coisa que valia era a castidade. Era a pureza. Ela falava isso. E, aí, eu levava isso comigo, né?... mulher tem que ter o seu valor, a mulher tem que se valorizar. Então, você vai perder o que você tem de mais valoroso...”.

Esse discurso de Lírio pode ser associado ao lugar passivo da mulher frente à escolha de uma relação. E ainda à noção discutida por Zanello (2018), de que a figura da mãe, da mulher casta e recatada deve ser mantida para ser escolhida por um homem. Nesse caso, o fracasso da vida religiosa seria o não ser escolhida por um homem, não responder ao ideal do casamento e da maternidade (Zanello, 2018). Essa fala que Lírio ouvia de sua mãe remete a esse lugar, no qual a mulher e sua sexualidade resumem a passividade de ser um objeto de escolha.

Além desse relato, que ela considera que muito influenciou na vivência da sexualidade dela, ela traz sobre o medo de ser mau exemplo para as meninas que ela coordenava na época do coral. Segundo Lírio:

> “Quando a gente começou a namorar, aí tinha a questão do medo de ser mau exemplo pras meninas. Medo de reverberar na igreja. E eu não contei que a gente já teve catequistas que foram afastadas porque engravidaram antes do casamento. Nem sei se hoje em dia ainda acontece, mas antes acontecia com muita frequência. Então, tinha medo disso. Tinha medo de engravidar.”

Nesse recorte, é possível perceber que a existência de modos de se comportar, de responder a expectativas, significa responder aos padrões femininos esperados. Pensando no caso de Lírio, seguir a castidade é responder às expectativas da comunidade religiosa e de sua mãe, já que fazendo isso ela ocupa um lugar de reconhecimento. É possível relacionar isso ao que Louro (2018) afirma, de que a expressão da sexualidade é socialmente estabelecida e

codificada. Nesse sentido, a família e a igreja ocupam lugares sociais que determinam a expressão do desejo e controlam como eles podem ser manifestados.

Para Tulipa, quando perguntado sobre como ela percebe a castidade e a vivência da sexualidade na igreja, ela entende que a castidade pregada pela igreja é sobre ter relação sexual após o casamento. Ela percebe a importância desse discurso, principalmente hoje em dia, já que ela considera que a juventude lida com o sexo de forma muito descartável e fútil, tendo essa prática com qualquer pessoa. Quando relata sobre a vivência dela, afirma fazer sentido o que prega a igreja, já que entende que fazer sexo com qualquer pessoa é algo que desvaloriza a pessoa. Entretanto, ela não concorda que o sexo com o parceiro de um relacionamento estável precise acontecer apenas após o casamento.

Algo que ela trouxe no início da entrevista foi sobre ter entrado nesse contexto religioso já com uma espécie de filtro do que para ela fazia sentido no mundo, então ela percebe que quando começou uma vida mais presente na igreja, muita coisa ela filtrava, vendo o que fazia sentido para a forma como ela pensava. Logo, muitas temáticas em relação à sexualidade foram vivenciadas por ela de forma muito natural.

A definição de Tulipa foi no sentido de não vulgarizar o sexo. Inclusive, quando questionada se existe algo que ela abdica para ter uma vida religiosa, ela afirma que não consegue pensar em algo específico, ela abdica daquilo que não faz sentido para ela.

Na entrevista com Rosa, apareceu um conflito justamente na parte da sexualidade. Ela afirma que isso é uma das coisas que ela considera que abriu mão, de uma vivência conforme a igreja pedia, de esperar o casamento para ter uma relação sexual. Ainda na entrevista, ela afirma que é algo conflitante e que, mesmo que tenha sido algo feito no passado, ela já confessou, sabe que foi perdoada, mas que é difícil se perdoar; ela se sente mal, decepcionada, que faltou algo e que sente que poderia ter feito diferente.

A religião, diante do conflito de vontades e satisfação do desejo, entra no lugar de aliada a vontades conscientes, servindo contra os desejos e pulsões do sujeito. (Velic, 2017). Freud (1907) relaciona as práticas religiosas à neurose obsessiva, observando a semelhança entre as cerimônias religiosas aos atos obsessivos. Um recalque insatisfatório de um neurótico obsessivo gera angústia e a via para se livrar disso são os rituais obsessivos. É percebido que o mesmo acontece com o religioso, na tentativa de realizar o desejo recalcado, a cerimônia e as práticas religiosas são feitas para alcançar isso (Velic, 2017).

Aparece nesse caso um grande conflito neurótico, a escolha entre a renúncia de seus desejos para obedecer e seguir uma vida religiosa ou renunciar à lei e seguir seus desejos. Os rituais e as cerimônias entram então no lugar de proteção (Velic, 2017). A ideia da realização desses atos é a tentativa de viver uma vida racional, distante dos desejos e da pulsão, já que essas podem ser por vezes pecaminosas, impuras ou sujas. Nesse sentido, a religião entra como uma defesa para a neurose, já que seguir uma neurose coletiva, religiosa, poupa o sujeito de criar uma neurose individual (Velic, 2017).

Nas definições e vivências que aparecem nas falas das entrevistadas, a religião aparece nesse lugar de controle do desejo e da sexualidade, com intuito de preservar um corpo e uma vontade. Freud afirma que o homem é inimigo da civilização, entendendo que existe um desejo de dar vazão às pulsões; porém, se isso acontecesse de forma livre, a ordem social não seria mantida e a sociedade não iria progredir (Velic, 2017). Nessa visão, é necessário que exista uma renúncia pulsional para que a sociedade se estabeleça. Diante disso, pode-se pensar que a religião incentiva uma renúncia de desejo, principalmente o sexual, com o intuito de controlar e manter uma ordem cristã. Ordem essa que preza pela preservação do corpo e pelo distanciamento do pecado.

Esse incentivo à renúncia do desejo está presente e é influente na vida das entrevistadas, como é possível perceber no caso de Tulipa, que apesar de ter um filtro moral que faça sentido para ela, antes mesmo da religiosidade, coloca o sexo em um lugar da ordem do sagrado. Ter uma relação sexual com alguém que não seja em um namoro estável, para Tulipa, é como vulgarizar o sexo e o corpo. Portanto, é possível perceber que a visão moral e religiosa ocupa aqui um lugar de ordem e de controle do desejo.

Para Rosa, essa ordem cristã se manifesta no quanto ela ainda se culpa por não ter seguido a castidade em um dos seus relacionamentos. Mesmo com a confissão, a culpa e a angústia de, em um momento da vida, não ter seguido o que sua crença estabelecia, mostra o quão presente é a moral religiosa na vida dela.

O que se evidencia e se coloca como questão nesses casos é como a preservação do corpo e a repressão do desejo, principalmente o que envolve a sexualidade, não prejudica e afeta a saúde mental dessas mulheres. Além disso, pensar que o peso de sustentar esse ideal recai para um público específico, aquele que precisa sustentar uma imagem casta e santa para ser aceito, reconhecido e bem-visto no meio religioso.

Quando perguntado sobre como hoje em dia elas vivem a sexualidade e se é natural falar sobre a temática, Tulipa afirma que fala normalmente, que não é um tabu; porém, não fala para qualquer pessoa, tem que sentir confiança e sentir que faz sentido falar sobre. Ela afirma que o contato que ela teve com o tema foi na escola, na igreja e com grupos de amigos. Considera que a vivência dela de sexualidade é algo leve, que não tem peso para falar ou fazer alguma coisa, é tranquilo e ela se sente segura. Atribui isso também ao avanço da idade, afirma que hoje em dia sente mais facilidade e tranquilidade, quando comparado aos seus 15 anos.

Para Lírio, a vivência da sexualidade é algo que hoje em dia oscila muito, mas que considera que está na melhor fase. Essa oscilação ela relaciona ao humor; afirma que ficou boa parte do casamento depressiva, por estar passando por momentos difíceis, e que agora ela tende a acelerar e se encher de coisas para não pensar muito em suas frustrações e traumas. Relata:

> "O meu movimento sempre foi esse de tentar me acelerar, me encher de coisa, fazer um monte de coisa pra não olhar pra isso. E eu vejo que isso tem uma boa resposta, porque quando eu me estimulo, pensando na energia vital de uma forma geral, eu me estimulo e a coisa vem, flui. E aí eu fico mais animada, eu fico mais... Às vezes, até beirando à euforia, fico mais alegre, tenho energia pras coisas, tenho libido. E esse tem sido meu movimento pra lidar com isso, entendeu?"

Rosa relata não ter muita facilidade para falar sobre sexualidade. Ela participa de um grupo da igreja que eventualmente aborda sobre a sexualidade do casal. Ela fala que conversa com o marido sobre isso, prepara o material a ser compartilhado no grupo, mas que na hora de falar, ele apresenta. Rosa afirmava, ao longo da entrevista, que sexualidade para ela sempre foi um assunto difícil de falar, inclusive ela não abordou muito sobre como a sua sexualidade é vivenciada hoje em dia.

Percebe-se que, apesar de ser uma temática trabalhada em meio religioso, as participantes Lírio e Rosa trazem consigo certo sentimento de culpa, quando eventualmente quiseram vivenciar uma sexualidade diferente daquela que é orientada pela igreja. Normalmente, esse sentimento aparece quando elas agem de maneira destoante daquela esperada por um ideal de mulher católica.

Expectativas e papel da mulher na igreja: O ideal feminino, a maternidade e o casamento.

Além da tentativa de controle do desejo, a religião favorece e influencia muito no que Zanello (2018) chama de dispositivo amoroso e materno. Entendendo que o amor e a maternidade foram pensados para um gênero específico, a imagem da mulher é atravessada por esses dispositivos.

A mulher mãe e companhia para casamento é uma mulher ideal que atende a certas expectativas. Menegon & Silva (2015), afirmam que mulher e desejo parecem não poder ocupar a mesma figura, o que é uma construção social e histórica, visto que a mulher que expressa claramente a sua sensualidade ocupa, nessa construção, o lugar da prostituta. Logo, a feminilidade da mulher mãe é destinada e fortalecida quando o desejo é destinado para a maternidade e para o casamento.

A temática de maternidade e casamento é algo que apareceu nas entrevistas realizadas. De acordo com Lírio, esses eixos contribuíram para a autoestima dela e como uma reafirmação da sua feminilidade. Segundo ela:

> “E isso me ajuda até na questão da minha feminilidade, da minha autoestima, entendeu? De me ver como mãe, sabe? E poder validar todas as coisas que eu consigo fazer, né? Embora ainda me cobre muito, embora ainda tenha muita coisa que eu gostaria de fazer e não consigo, embora tenha um monte de frustração, né? Mas ainda assim, me fortalece, assim, tipo, sabe? É bom, é bom, me sinto muito capaz, assim, como esposa, como mãe. E quando, por exemplo, em um dia, mesmo quando eu tô exausta e eu consigo dar um tempo de qualidade pro meu filho e pro meu marido, é o dia que eu falo assim, caraca, foi o dia que eu fui, sabe? Eu fui mulherão.”

Tulipa afirma que sempre quis ser mãe e se casar, percebe que sempre foi um desejo, mesmo antes de entrar na igreja. Ela já pensa em quantos filhos quer, em como pretende se organizar para o casamento. Afirma ter sempre se sentido disposta à maternidade.

Para Rosa, o casamento e a maternidade são uma afirmação de ser feminina. Afirma que é muito bom ser casada e que ela não se vê sem o casamento dela.

Segundo ela:

> "Eu acho que é a afirmação, né? Da questão de ser feminina, porque o casamento, a gente… Isso aí aflora, né? E a maternidade também. Então foi uma afirmação da feminilidade. E ao mesmo tempo cobrança, né? Não é que vem alguém que cobra. Mas assim, a gente tem que assumir, né? E acaba que... Não sei se não é machismo. É a mulher que assume a maior parte. A questão do casamento, muita coisa a gente que acaba fazendo. A questão da cultura. Ainda mais da minha geração."

Além da reafirmação da feminilidade que aparece muito na fala de Lírio e Rosa, algo comum é a cobrança de ocupar o lugar de mãe. Um lugar que parece significar abrir mão de algo de si para destinar ao outro. Então, mesmo cansada, exausta como está no relato de Lírio, ela procura ter tempo com o filho e o marido e ainda assim, sente que tem a sua feminilidade afirmada.

Zanello (2018) discute sobre a constituição da mulher enquanto sujeito. Segundo ela, esta é influenciada pelo ideal de estar à disposição de alguém, uma energia destinada ao outro. Pensando nisso, atuar em consonância com esse ideal é de alguma forma satisfatória. A questão é o quanto isso custa para a saúde mental da mulher e se, eventualmente, elas não conseguirem atender a isso, a quão culpada elas tendem a se sentir. Além disso, o nível de cobrança desse ideal também é importante ser considerado.

Nos relatos de Lírio e Rosa, a cobrança aparece como algo frequente. Rosa afirma inclusive que, no início da maternidade, se cobrava muito e tinha muito medo de não conseguir cuidar. Ainda hoje se percebe cobrando bastante em relação às questões da vida no geral. Inclusive já procurou um acompanhamento psicológico ao perceber esse "preço alto" que ela está cobrando.

Enquanto Lírio relata sobre ser desafiador ser casada e cansativo ser mãe, mas que, ao mesmo tempo, compartilhar a maternidade e a paternidade é muito bom para o casal e que são coisas que exigem dela paciência. Eventualmente, ela tem que abrir mão de desejos dela, inclusive momentos de descanso, para estar presente na família do marido e para ter o tempo de qualidade que ela tanto preza para o filho.

A partir desses relatos, a questão interessante que aparece é quanto custa sustentar um ideal para a saúde mental da mulher. E a relação ambivalente com esse ideal, ao mesmo tempo que responder a ele é satisfatório, pode também ser uma anulação do eu. Nesse sentido, parece que a sexualidade enquanto vitalidade, autocuidado e libido é afetada na tentativa de se manter e sustentar um ideal. O contraditório que aqui aparece é a tentativa de manter e viver o desejo de uma sexualidade e também manter o ideal feminino de uma mulher religiosa, mãe e esposa.

A maternidade associada à capacidade física de reprodução parece dar um lugar social para a mulher, como condição única do feminino. Concepção essa que foi reforçada pela igreja no século XIX (Lima e Teixeira, 2008). Esse lugar social aparece como um lugar de exemplo que precisa ser ocupado pela mulher, já que esta é considerada como um ser de virtude e que pode difundir a doutrina, divulgar as virtudes morais religiosas.

Nesse momento, a igreja precisou construir uma imagem feminina que saísse de um lugar de passividade para um lugar de exaltação, já que sendo uma mulher forte, ela consegue

maternar e ensinar sobre os princípios religiosos para os filhos e para os homens. O que era solicitado das mulheres então era oração e sacrifício (Lima e Teixeira, 2008).

Diante disso, parece ser favorável o lugar idealizado de uma mulher em meio religioso, colocando-a como santa, já que a mulher é a responsável por disseminar as morais religiosas.

As referências de mulheres na igreja católica, com mulheres santas e um discurso que enaltece a mãe, foram uma tentativa da igreja de criar um novo lugar social para a mulher do século XIX, para um momento em que o mundo estaria mais laico. Logo, elas, como aquelas que pertenciam ao espaço da esfera privada, tinham como responsabilidade fortalecer e propagar as ideias religiosas, ensinando os novos homens e reafirmando o espaço da fé e da manutenção da ordem social (Lima e Teixeira, 2008).

Sendo assim, pode-se pensar que fortalecer um ideal para a mulher em meio religioso, é fortalecer também as ideias religiosas e santas. Ter a mulher como uma referência e cobrar dela uma atuação nesse lugar é permitir que a moral religiosa seja perpetuada pela família. Assim, além de um lugar social de quem cuida, a mulher ocupa o lugar de ser a imagem da santidade, tal como a religião pede.

Culpa e pecado (saúde mental)

Ao longo da pesquisa, foi possível conhecer alguns relatos atravessados pelo sentimento de culpa e pela cobrança, que estavam muito associados a uma imagem de mulher cristã. Lírio trouxe o relato de que viveu a castidade em seu namoro e o quanto ela se cobrava para atender às expectativas da comunidade cristã, inclusive o quanto ela se privava de algumas experiências com receio de ser mal vista.

Segundo ela:

> "...aí, quando a gente começou a namorar, aí tinha a questão do medo de ser mau exemplo pras meninas. Medo de reverberar na igreja...". "...eu queria muito responder às expectativas, que eram do catecismo da igreja católica, da igreja, da bíblia, aliás, e dos grupos que eu participava. Então, era o tempo inteiro tentando equilibrar tudo isso, e tentando entender, e tentando interpretar de uma forma que a minha vida coubesse ali...". "...e aí eu me sentia responsável pelas meninas, principalmente do coral que eu coordenava. Então, eu tentei seguir minha vida muito à risca naquela época, e também foi uma época de muito sofrimento...".

A partir do relato dela, é possível perceber que, ao seguir os mandamentos, a castidade proposta pelo meio religioso tinha o intuito de atender expectativas e ser exemplo. Ao longo da entrevista, ela mesma reconhece que isso fazia sentido para os outros, para a comunidade que ela frequentava e pouco fazia sentido para ela, inclusive ela afirma que trouxe sofrimento para ela na época.

Lírio traz que a ideia de santidade é como uma "meta que hoje em dia ela vê como inatingível". Por muito tempo ela tentou corresponder a esse ideal, mas hoje percebe que era uma personagem, a versão dela depressiva, porque ela estava se afastando de quem era para atender a uma expectativa e à meta da santidade.

Nesse sentido, relata:

> "A Lírio que as pessoas falam lá é quase que um personagem, assim. E que à medida que eu fui me conhecendo melhor, e aí veio tudo, né? Veio a transição capilar, veio uma série de coisas que eu fui vendo, cara... Assumir traços da negritude... Principalmente, sabe? E aí acabou mudando tudo na minha vida, assim.".

Ainda na entrevista com Lírio, hoje em dia ela tem uma crítica diferente da que tinha na época, inclusive começou a flexibilizar algumas exigências a partir do que ela nomeia

como “transgressões”. Foi percebendo que ela estava se anulando enquanto sujeito para seguir um ideal. Então, ela começou a transgredir e assumir maior autonomia frente a sua crença. Quando perguntado sobre como ela se sentiu fazendo isso e os efeitos dessas transgressões, ela afirma:

> “...Libertadoras… Porque eu acho, eu não tenho certeza, mas eu acho que era muito naquele lugar de Deus vai me castigar se eu fizer, entendeu? E foi libertador por isso, porque eu acho que através do meu erro… eu fui vendo o quanto Deus é misericordioso. E que eu não precisava levar pra um lugar tão pesado as coisas erradas que eu fazia, entendeu? Porque eu acho que a minha expectativa era ser cem por cento, né? Ah, pura, santa casta, tal quanto a Virgem Maria… A vida continua, eu continuo sentindo a bondade, o amor de Deus por mim, eu continuo me sentindo digna, eu sentia que Deus me amava e tava me amando e tava me cuidando, não ia me abandonar, porque o abandono sempre foi um medo também, né? Rejeição e abandono é uma coisa que eu não lido bem.”

Nesse trecho é interessante observar o que aparece sobre o que ela considera como ideal de santidade, a Virgem Maria e o quanto ela se cobrou para isso. Além disso, o quanto ela tentou seguir por receio do abandono e da rejeição. Essa fala permite entender um pouco da motivação de Lírio em tentar seguir e sustentar um ideal, para não ser abandonada por um pai, Deus.

Freud (1921), no texto Psicologia das massas, analisa a ligação ilusória que une todos os indivíduos dentro de uma massa por meio do amor. Este amor é dirigido a todos os integrantes desse grupo, funcionando como um tipo de substituto paterno. Para exemplificar essa dinâmica, Freud utiliza a Igreja Católica, na qual a irmandade entre os fiéis é incentivada, estabelecendo-se a comunidade cristã como uma espécie de família.

Nesse contexto, os membros da massa experimentam um vínculo libidinal que opera em duas direções: por um lado, voltado ao líder, representado por Cristo; e, por outro, em relação aos demais indivíduos da massa. Aqueles que se identificam e seguem a massa são vistos como membros pertencentes e recebem o amor do líder, nesse caso Deus, e dos membros da comunidade, os irmãos (Freud, 1921).

A análise de Velic (2017) sobre a perspectiva psicanalítica da religião também busca sentido na relação pai e filho, o conflito de que o filho busca proteção do pai, ou ao mesmo tempo que existe uma prevalência do ódio pela separação de sua mãe, tal como na relação edipiana. Esse sentimento infantil existe também na vida adulta, segundo Freud, e é a partir dele que se funda a ideia de Deus. Ele é a imagem idealizada de um pai e é nele que se busca amparo e proteção (Velic, 2017). Se isso é algo esperado de Deus, existe uma necessidade de submissão e de respeito. A culpa e o pecado aparecem, nesse caso, como uma tentativa de reparação de um erro, a uma fuga da norma.

Segundo Velic (2017), "É a força desse desejo que motiva a produção da ilusão e alimenta a crença em Deus" (p. 42). A ilusão seria então a fixação dessa imagem idealizada do pai, porém isso não faz com que ela seja um erro ou engano, mas uma produção do sujeito a partir de um desejo ou até mesmo da falta (Velic, 2017).

Sendo assim, pode-se analisar a fala de Lírio com o sentido que para ela parece ter a religião. Ela ocupa um lugar de amparo, garante a ela um lugar de pertencimento e a relação que ela estabelece com Deus é uma relação paterna. Um pai que foi por algum tempo repressor e rígido, produzindo nela sentimento de culpa, vigilância e o peso do pecado. Porém, com o tempo, parece que essa relação, mesmo com transgressões, se fortaleceu e ela se identificou com um pai que acolhe, que perdoa e que ama.

Em 1921, ao explicar sobre identificação, Freud afirma que nesse processo acontece a introjeção do outro para o eu. Nesse caso, o sujeito se identifica com a figura que foi introjetada. "O objeto que se coloca no lugar do EU Ideal". (p.72). Entendendo a identificação como a manifestação de uma ligação afetiva com o outro, um outro que se associa à imago parental e pode ocupar um lugar de EU Ideal. Isso se inicia com o complexo de Édipo, na relação de se identificar para ocupar o lugar, por exemplo, tomar o pai como seu ideal. Portanto, como herdeiro do complexo de Édipo, há o Superego (Freud, 1921).

Segundo Roudinesco (1998), é na internalização das proibições externas que o Superego substitui a instância parental, e isso acontece por meio da identificação. Logo, a introjeção da figura de Deus como um pai, pode refletir na identificação do sujeito com seu próprio Eu Ideal e na relação com a qual ele se identificou como imago parental. Além disso, essa instância religiosa atua na formação de um superego, enquanto aquela instância que controla os desejos pulsionais e o que é ou não permitido, proibido ou moralmente aceito.

Ainda na entrevista com as outras participantes, com o intuito de entrar na questão do pecado e da culpa, um dos eixos que apareceu foi a expectativa da santidade, e foi questionado sobre o que elas entendiam por santidade.

Tulipa associa isso com um objetivo de tentar ser melhor a cada dia, que não é necessariamente a perfeição.

Segundo ela:

> "não é a perfeição, não é ah, não vou fazer isso porque volta pro pecado e eu não vou ser santo, não é isso. Mas é a questão de você procurar melhorar cada dia mais e saber interpretar as coisas nesse sentido, de tipo a santidade, por exemplo, nessa questão da... igual eu falei agora, ah, nossa, então eu tô fazendo sexo antes do casamento e eu não sou santo. Não. Pra mim, você tá em busca da santidade. Sabe? Porque você tem

exatamente essa questão de, nossa, eu não tô fazendo com qualquer pessoa ou é uma pessoa que eu tenho uma relação. Então, você tá buscando a sua santidade ali dentro. Então, não é uma coisa que seria um ideal muito longe de você, sabe? É uma coisa que tá com você e é isso. A santidade pra mim é muito mais você estar ligado com Deus. Então, assim, cara, o que que ele ensina?"

Já para Rosa, ela relata sobre o peso de não ter seguido a castidade e a escolha de ter usado métodos contraceptivos, seguindo o contrário do pregado pela igreja. Relata isso ainda com culpa. Fala que fez a confissão, se sente perdoada, mas ainda assim são coisas que reverberam nela de forma negativa. Ela relatou que fez o uso dos métodos contraceptivos, pois não tinha muitas condições de ter muitos filhos, e que isso também foi um peso para ela, ela se cobrava muito e se sentia pecadora e errada por estar indo contra o que a igreja pedia, afirma que foi algo que trouxe muito sofrimento.

Com esse relato, é possível também associar ao que Velic (2017) discute sobre a imagem idealizada de um pai que se busca na religião. Um pai que, mesmo diante dos erros e pecados, perdoa, desde que se faça por onde. Parece então que o custo de viver livremente as consequências de suas escolhas é sentir o peso do pecado, é ir em confissão revelar esse pecado à figura de um líder religioso.

O custo de fazer escolhas contra o ideal é a própria saúde mental. O pecado e a ação de confessar e falar sobre o pecado ou realizar um ritual de penitência parece a repetição de uma situação de um ato de purificação, tal como um sintoma da neurose obsessiva. A religião entra, nesse caso, como um vigia dos atos e da manifestação do desejo do sujeito.

Atender às exigências de um pai que pede devoção e submissão em troca de amor e amparo é uma escolha que custa. Parece custar o peso de seguir um ideal, quanto mais próximo o sujeito está dele, mais ele está dentro de uma ordem religiosa e mais afastado dos

seus desejos, seguindo o desejo da massa. Em contrapartida, quanto mais distante ele está, quanto mais em pecado e com erros ele se vincula, mais ele precisa de reparação para se aproximar novamente do perdão do pai.

Considerações Finais

Neste trabalho, verificou-se que as mulheres religiosas pesquisadas vivenciam a sua sexualidade de forma contida e aquém dos ideais propagados pelo meio religioso. Elas são atravessadas por um discurso de poder, que visa estabelecer um lugar social que valoriza a mulher mais próxima da santidade, da castidade, da maternidade e do casamento.

Corroborando esse aspecto, a mulher é colocada em uma posição passiva na escolha de uma relação, associada ao ideal de mãe, casta e recatada, para ser escolhida por um homem. Assim, segundo Zanello (2018), o fracasso na vida religiosa é não ser escolhida para o casamento e a maternidade, não correspondendo a esses ideais.

Apesar de os resultados da pesquisa apontarem que a maternidade e o casamento afirmam a feminilidade das entrevistadas, foi possível perceber que viver isso sob a influência de um ideal pode trazer prejuízos à saúde mental da mulher.

A vivência da sexualidade, em seu sentido mais amplo, como o apresentado nesta pesquisa, sofre influência da comunidade religiosa, que costuma ditar padrões a serem seguidos. Além de pedir da mulher uma postura de exemplo de submissão e devoção para ser apresentado aos demais fiéis e transmitido aos familiares.

O custo de sustentar um ideal feminino religioso pode impactar a saúde mental da mulher, criando uma tensão entre satisfação e autonegação. Manter o ideal de "mulher religiosa" — como mãe, esposa e figura virtuosa — pode comprometer a expressão da sua sexualidade e do seu autocuidado.

No século XIX, a Igreja Católica reforçou o papel da maternidade como destino único e virtuoso da mulher, atribuindo-lhe a missão de difundir a moral religiosa. Assim, ao exaltar a figura da "mulher santa", a Igreja criou para as mulheres um papel social que fortalece e propaga a moral religiosa, posicionando-as como responsáveis por preservar e transmitir a fé

e a ordem social através da família. Dessa forma, a imagem feminina religiosa é perpetuada, como exemplo de santidade e virtude.

A mulher, enquanto a responsável pelo cuidado da família, é também a responsável por ensinar sobre a religiosidade. Devido a isso, é dela que é cobrada a santidade, a sensibilidade, caridade, amor incondicional e devoção. A mulher no meio religioso, além de ser atravessada por um lugar de pureza, passa também por um ideal de mãe e de esposa.

A culpa e a cobrança foram evidenciadas nos resultados da pesquisa, sendo a perfeição e o ideal do eu fatores muito exigidos da mulher. O custo de agir contra ideais religiosos pode afetar a saúde mental, pois a religião pode atuar como uma supervisora rígida dos atos e desejos do indivíduo.

A partir desses resultados, compreende-se que a religião tem um lugar importante na vida daqueles que escolhem segui-la. Quando encontrado um sentido para a crença, esta pode estar associada ao lugar que busca amparo, apoio e vida em comunidade. Pode ser confortável pensar na existência de um Deus que acolhe, que salva e liberta do desamparo e do abandono.

Logo, acredita-se que a religiosidade ocupa um importante lugar na vida do sujeito. Para além das influências de uma moral a ser seguida e dos controles de desejos proibidos, existe também um lugar que acolhe, que abriga e se vincula ao ideal do pai protetor.

O que se pode constatar com esta pesquisa é a força e a grande influência que o pensamento religioso tem sobre o sujeito. O recorte aqui realizado foi o das mulheres religiosas, pois entende-se que, além de uma imagem social a zelar e a sustentar, elas também possuem uma imagem de castas, como pessoas que suspendem os seus desejos em prol de algo maior ou em prol do outro.

Tais aspectos levam a questionar: o quanto tem custado a saúde mental da mulher religiosa que busca corresponder aos ideais a ela impostos socialmente? Como foram desenvolvidas as relações familiares dessas mulheres e as respectivas dinâmicas parentais? O quanto esses ideais construídos não enrijecem o sujeito a um modo reprimido de viver? O quão saudável é a vivência de uma espiritualidade que é experimentada atendendo a expectativas alheias ao próprio desejo? Como a religião pode estar aliada aos desejos e fortalecer a aceitação do eu?

Essas perguntas aqui levantadas têm o intuito de abrir novos caminhos de estudos, além de ressaltar a importância de um olhar cuidadoso para ideias tão distantes de uma vivência possível em meios religiosos.

Por fim, os questionamentos também funcionam para considerar possibilidades de novos estudos na temática e para evidenciar lacunas do próprio estudo. O propósito dos novos questionamentos não é o de desvincular a religiosidade da saúde e da sexualidade, mas sim buscar possíveis encontros entre as temáticas, a fim de possibilitar uma perspectiva ampla do fenômeno da sexualidade e do ideal de eu, distante de ideias que tanto afetam as mulheres.

Referências

Birman, J. (1999). Cartografias do feminino. Editora 34.

do Amaral Dantas, B. S. (2010). Sexualidade, cristianismo e poder. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *10*(3), 700-728.

Fonseca, m. E. M. D. (2013). Religião, mulher, sexo e sexualidade: que discurso é esse?.Paralellus, 2(4), 213-226.

Foucault, Michel. (1979). Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Freud, S. (1908/1976b). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. IX, pp. 169- 189). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908)

Freud, S. (1980). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 7, pp. 121-252). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1905).

Freud, S. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 89-179.

Freud, S. (1976). Atos Obsessivos e Práticas Religiosas. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 9. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1907).

Gomes, N. S., & Lisboa, C. S. D. M. (2015). Sexualidade e suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada. Psicologia & Sociedade, 27, 599-608.

Lima, R. D. S. S., & Teixeira, I. S. (2008). Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religiao, 6(12), 113-126.

Louro, G. L. (1997). Gênero, sexualidade e educação (p. 20). Petrópolis: Vozes.

Louro, G. L. (2018). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Autêntica.

Menegon, C., & SILVA, E. W. D. (2015). A sexualidade feminina e a psicanálise: rompendo as amarras da moral sexual cristã e do sexo como reprodução. Gênero & Direito, 4(3), 122-139.

Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F. & Gomes R. (2009). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). Dicionário de psicanálise. Zahar.

Silva, F. B., & Brígido, E. (2016). A sexualidade na perspectiva freudiana. Revista Contemplação, (13).

Veliq, F. (2017). O totem e o desamparo: duas chaves de leitura para a religião no pensamento freudiano. Analytica: Revista de Psicanálise, 6(10), 28-45.

Zanello, V. (2018). Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Editora Appris.

Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Título da pesquisa: “Sexualidade e ideal feminino em mulheres católicas do DF"

Instituição das pesquisadoras/Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - CEUB

Pesquisadora responsável: Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira

Pesquisadora assistente Isabella Vitória Martins Simões, aluna do 9º. Semestre de graduação do curso de Psicologia

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitada a assiná-lo e receberá uma via do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- Você está sendo convidada a participar desta pesquisa que tem como objetivo compreender sobre a vivência do feminino e da sexualidade em mulheres religiosas e investigar como os padrões de ideais femininos podem influenciar nessa experiência. Além disso, busca-se entender como a participante lida com sua experiência de sexualidade no cotidiano.

Procedimentos do estudo

- ✓ Sua participação consiste em participar de uma entrevista e responder a algumas perguntas sobre as temáticas sexualidade, feminilidade e religião. A entrevista terá uma duração aproximada de 60 minutos e será feita de forma presencial, em uma sala destinada a essa finalidade.
- ✓ Os procedimentos serão: Após aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa do CEUB (CEP-Ceub), conforme as Resoluções no. 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde - CNS., respeitando-se os preceitos éticos e legais a serem seguidos nas investigações envolvendo seres humanos e assinatura deste TCLE, a participante será entrevistada pela pesquisadora assistente. A entrevista será gravada, visando facilitar a transcrição fidedigna dos resultados obtidos para posterior análise pela pesquisadora assistente.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixo risco que são inerentes ao procedimento de compartilhamento de uma vivência pessoal, podendo envolver assuntos que evocam emoções ao entrevistado. Medidas preventivas durante as entrevistas serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.
- Considerando os riscos potenciais deste estudo, caso seja necessário, será garantido o direito à assistência (imediata, integral e sem ônus) ao participante, devido a danos decorrentes da participação na pesquisa e pelo tempo que for necessário (Resolução CNS nº 466 de 2012, itens II.3.1 e II.3.2).

- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo, ou poderá interromper sua participação a qualquer momento, sem qualquer ônus ou prejuízo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir para o aprofundamento da temática em estudo: a compreensão sobre a vivência da sexualidade e da feminilidade de mulheres católicas do DF.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto nas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados ficarão guardados sob a responsabilidade de Isabella Vitória Martins Simões, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. O horário de atendimento do CEP-UniCEUB é de segunda a quinta: 09h às 12h30 e 14h30 às 18h30.

O CEP é um grupo de profissionais de várias áreas do conhecimento e da comunidade, autônomo, de relevância pública, que tem o propósito de defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Ao assinar abaixo, você confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, que foram explicados os procedimentos do estudo, que teve a oportunidade de fazer perguntas, que está satisfeito com as explicações fornecidas e que decidiu participar voluntariamente deste estudo. Uma via será entregue a você e a outra será arquivada pela pesquisadora assistente.

Caso tenha qualquer dúvida sobre a pesquisa, incluindo os danos possíveis, entre em contato com a pesquisadora responsável Aurea Chagas Cerqueira no telefone (61) 99986-2105 ou pelo e-mail aurea.cerqueira@ceub.edu.br, e com a pesquisadora assistente Isabella Simões, pelo telefone (61) 98465-0231 ou pelo e-mail isabella.simoes@sempreceub.com.

Eu _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, ____ de _____de 2024.

_____

PARTICIPANTE

_____

Pesquisadora responsável: Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira

(61) 99986-2105/e-mail: aurea.cerqueira@ceub.edu.br

_____

Pesquisadora assistente: Isabella Vitória Martins Simões,

(61) 98465-0231/e-mail: isabella.simoes@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):
Instituição: Centro Universitário de Brasília - CEUB
Endereço: SEPN 707/907
Bairro: Asa Norte
CEP 70790-075
Cidade: Brasília - DF,
Telefone: (61) 3966 -1201

Anexo 2

Parecer Consubstanciado do CEP/CEUB

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Sexualidade e ideal feminino em mulheres católicas do DF.
Pesquisador: AUREA CHAGAS CERQUEIRA
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 80752024.5.0000.0023
Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.945.165

Apresentação do Projeto:
As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do documento de Informações Básicas da Pesquisa postado na Plataforma Brasil.

O projeto investiga como a sexualidade é vivenciada por mulheres católicas no Distrito Federal, considerando os ideais femininos influenciados pela religião. O estudo busca entender como essas mulheres lidam com a sexualidade no contexto de sua fé e quais conflitos ou conciliações ocorrem entre esses aspectos.
a) TIPO DO ESTUDO: Pesquisa qualitativa.

b) DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES: Mulheres católicas, com idades entre 18 e 56 anos, praticantes regulares da religião.

c) NÚMERO PARTICIPANTE DAS PESQUISA: 3 participantes.

d) FORMA DE RECRUTAMENTO DOS PARTICIPANTES: As participantes serão recrutadas por conveniência, a partir da rede de contatos da pesquisadora assistente, selecionando uma participante por intervalo de idade (18 a 30 anos; 31 a 43 anos e 44 a 56 anos)

CEUB
EDUCAÇÃO SUPERIOR

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

Plataforma Brasil

Continuação do Parecer: 6.945.165

e) CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: Ser mulher; Ter entre 18 e 56 anos; Ser frequentadora regular de uma igreja católica no DF.

f) CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO: Não se aplica, dado o critério específico de inclusão.

g) TIPO DE INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO O ESTUDO: Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

h) PROCEDIMENTOS QUE SERÃO REALIZADOS COM OS PARTICIPANTES: Entrevista individual semiestruturada. A entrevista terá uma duração aproximada de 60 minutos e será feita de forma presencial, em uma sala destinada a essa finalidade.

i) MÉTODO DE COLETA DE DADOS/INFORMAÇÕES: Entrevistas individuais semiestruturadas, que serão gravadas para posterior transcrição e análise.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar a vivência da sexualidade em mulheres católicas do DF e como os ideais femininos religiosos influenciam essa experiência. Além disso, busca-se compreender se há um investimento na própria sexualidade de forma independente das demandas do outro e como as representações do ideal feminino impactam essas dinâmicas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS:

O estudo apresenta baixos riscos inerentes ao compartilhamento de experiências pessoais, que podem evocar emoções durante as entrevistas. Medidas preventivas serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo, permitindo que a participante interrompa sua participação a qualquer momento sem prejuízo.

BENEFÍCIOS:

A pesquisa contribuirá para o aprofundamento da compreensão sobre a vivência da sexualidade e da feminilidade entre mulheres católicas do DF, oferecendo insights valiosos para futuras pesquisas e profissionais que lidam com este público.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

a) Devido à natureza do estudo, considera-se a pesquisa com risco mínimo e medidas preventivas foram estabelecidas.

b) Houve indicação correta das medidas protetivas para o risco apresentado.

c) Orçamento: os gastos serão custeados pelo pesquisador.

d) Cronograma: A coleta de dados está prevista para iniciar-se em julho de 2024 e o encerramento do projeto está previsto para dezembro de 2024.

e) Instrumento de coleta de dados: o questionário apresentado está adequado em termos éticos, além de garantir a confidencialidade e a voluntariedade das participantes, seguindo as diretrizes éticas necessárias.

f) Contexto da realização da pesquisa: trata-se de uma monografia necessária para a conclusão do curso de Psicologia no UniCEUB.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

a) Apresentou a Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada.

b) O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado de forma adequada.

c) Apresentou o projeto detalhado e roteiro de entrevista individual semiestruturada.

Recomendações:

Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento. O modelo do relatório encontra-se disponível na página do UniCEUB
https://drive.google.com/drive/folders/1EwnqHx_iMXeRyh3mm3hpawll-RyllYFm?usp=share_link,
em Relatório de Finalização e Acompanhamento de Pesquisa.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CEUB
EDUCAÇÃO SUPERIOR

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

Plataforma Brasil

Continuação do Parecer: 6.945.165

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto ao às Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:
A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:
I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;
II - desenvolver o projeto conforme delineado;
III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

Observação: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento. O modelo do relatório encontra-se disponível na página do UniCEUB
https://drive.google.com/drive/folders/1EwnqHx_iMXeRyh3mm3hpawll-RyIlYFm?usp=share_link,
em Relatório de Finalização e Acompanhamento de Pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
O projeto atende os requisitos éticos e a pesquisa está em condições de ser iniciada.

Considerações Finais a critério do CEP:
Protocolo previamente avaliado, com parecer homologado na 11ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB de 2024, em 05 de julho.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

CEUB
EDUCAÇÃO SUPERIOR

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

Plataforma Brasil

Continuação do Parecer: 6.945.165

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2365947.pdf	18/06/2024 23:54:28		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_ISABELLA_SIMOES.pdf	18/06/2024 23:54:10	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	LATTES_Aurea_Chagas_Cerqueira_Mar2024.pdf	18/06/2024 01:17:04	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ISABELLA_VITORIA_MARTINS_SIMOES.pdf	17/06/2024 20:08:21	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Monografia_ISABELLA_VITORIA_MARTINS_SIMOES.pdf	17/06/2024 20:08:04	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	Lattes_ISABELLA_SIMOES.pdf	17/06/2024 20:07:54	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

BRASILIA, 11 de Julho de 2024

Assinado por:
Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

Apêndice 1

Roteiro de Entrevista Individual Semiestruturada

1- Como você considera a sua prática religiosa?

2- O quanto você considera que a religião influencia os seus comportamentos, pensamentos e ações no geral?

3- Desde quando você sente que vive uma vida religiosa e como é isso para você?

4- O que você considera como sendo algo que normalmente abdica pela escolha da vida religiosa?

5- Para você o que é sexualidade?

6- Quando você normalmente fala sobre essa temática?

7- Como é para você vivenciar a sua sexualidade?

8- Como você se sente quando pensa sobre um relacionamento amoroso?

9- Como é ser solteira/ou casada para você?

10- Como é para você falar sobre relacionamento e sexualidade no meio religioso?

11- Já teve alguma vivência que tenha lhe incomodado ao ter pensado sobre sexualidade e religião?

12- Como você normalmente conversa sobre essa temática?